

REFLEXÕES SOBRE A MORTE

Ir.: Ademar Valsechi

“Como a morte é o verdadeiro objetivo da existência, travei durante estes poucos últimos anos, relações tão íntimas com esta melhor e mais fiel das amigas da humanidade, que sua imagem não me parece terrível, mas sim, suave e consoladora.” (Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791 - Carta ao seu pai Leopold, no seu leito de morte em 1787.

Diz-se que um ser é racional, quando a sua inteligência é desenvolvida a tal ponto, que permite conceber a idéia de existência, com um início e fim, isto é, raciocinar que existe morte. Todos os seres vivos convivem naturalmente com o seu ciclo vital: Nascimento, Reprodução e Morte, mas apenas os seres humanos, pelo enorme número de neurônios que possuem (aproximadamente 10 bilhões), apresentam a capacidade cognitiva de finitude, que um dia vai morrer. E com isso convive com o medo da morte.

O medo sempre foi o grande companheiro do instinto de sobrevivência. Inibidor da audácia, nos salvando de muitas ciladas, nos mantendo nos limites seguros. Todos nós temos medo, variando desde leve stress ao terror paralisante. A única arma eficaz contra o medo chama-se coragem. Para grandes medos, grandes coragens.

Como disse o professor J.M. Queiroz de Abreu, no seu discurso aos formandos de medicina em agosto de 2005, Campinas – S.P. :

“A morte e o medo são duas faces de uma moeda. A morte é a culminação do medo, sua máxima representação, é a progressão geométrica do medo quando ela encontra o infinito... A epítome do medo é a morte. Enfrentar o medo é enfrentar a face escura de nossa personalidade, a face oculta do destino”.

Devemos aceitar nossos temores para conhecê-los melhor, para não perdermos as rédeas, sem deixar que eles nos controlem. O tempero entre medo e coragem deve ser equilibrado. Muita coragem com pouco medo será um ousado inconseqüente de vida curta, um kamikaze, um homem-bomba. Pouca coragem e muito medo teremos um indivíduo enclausurado, covarde, que até poderá ter vida longa, mas sem deleite. Um medo moderado, ao nível da prudência, é saudável, é esperto. Um medo muito intenso ao nível do pânico e da covardia é burrice.

Todos nós vivemos com nossos medos. Só os perdemos quando morremos. A pessoa que tem um câncer passa pela angústia de saber se vai ou não sobreviver. Os doentes pulmonares conhecem bem o que é falta de ar e convivem com o temor de uma morte asfixiante. Os cardíacos temem uma morte súbita e quem sabe, dolorosa. Tememos os acidentes de trânsito, os assaltos e toda ordem de violência.

Apesar de fazer parte de um processo natural, a morte é odiada. Excluída de nossos bons sentimentos, estamos sempre tentando enganá-la, desviando-nos dela, nos disfarçando para que ela não nos reconheça, pois o nosso medo não nos permite encará-la.

O melhor método para vencer nossos medos é tomar alguma dose de coragem. Quanto maior o medo, maior deverá ser a dosagem. Como não existe um “medômetro”, não temos como quantificá-lo. É algo individual, privativo de cada pessoa. Devemos aceitar e enfrentar os nossos temores e principalmente, não acreditar neles, pois quanto mais nos deixamos envolver, mais reais eles se tornam, a ponto de

nos escravizar.

Com o medo controlado, a morte não mais vai nos parecer tão asquerosa. Será vista tal como ela é: A bela e afetuosa amiga da vida, permitindo que o ciclo vital continue com o nascimento de novos seres, abrindo caminho para a evolução das espécies. Sem a morte não haveria renovação. A vida se tornaria enfadonha, desprovida de graça, de sentido, extremamente tediosa.

Pelo fato de ser limitada, mais nos sentimos atraídos pela vida, a viver cada minuto e transformar cada momento em momentos felizes. Cada dia, pelo simples fato que pode ser o último, deve ser saboreado com prazer. Cultivar a boa saúde, os bons relacionamentos, curtir os amigos, a felicidade de ver os filhos e netos crescendo, física, intelectual, moral e espiritualmente, aceitar com naturalidade a inexorável vinda da senilidade. E feliz de quem envelhece. Sempre digo aos meus idosos e queixosos pacientes que reclamam da velhice: “É ruim ficar velho, mas pior é não ficar”.

Cabe a nós a responsabilidade de cumprir o melhor possível nossa missão. Deixar bons exemplos. Impregnar os jovens com nossa conduta. Dentro das limitações de cada um, registrar a nossa passagem pelo nosso período vital, para que as gerações futuras tenham em quem se espelhar.

Ao chegar nosso momento, vamos nos retirar discretamente de cena desse maravilhoso “Drama da Vida”, deixando que nova safra de atores e atrizes assumam nossos papéis, desempenhando tão bem ou quem sabe, melhor que nós, nesse belíssimo Teatro que é a natureza.

Conscientes de que nos esforçamos para bem cumprir nossa tarefa, vamos abraçar carinhosamente nossa delicada, suave e querida amiga morte e com ela seguir, confiantes, caminhos desconhecidos.

Encerro minhas reflexões com o ensaio de William Shakespeare (1564 -1616) em Tragedies: “De todas as coisas que conheço, aquela que mais estranha me parece é que o homem sendo um ser mortal tenha medo da morte. O covarde morre mil vezes, enquanto que o homem corajoso só sente o sabor da morte uma única vez”.

Ademar Valsechi, MI da Loja “Templários da Nova Era” nr. 21 e Grande Mestre de Harmonia da GLSC. O presente artigo foi destaque em 2007 no Concurso “Pitágoras de Peças de Arquitetura” na categoria de Mestre-Maçom.